

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DIEINE DA SILVA

VIDEOAULA E A DISCUSSÃO DO TEXTO
FILOSÓFICO '*AS PAIXÕES DA ALMA DE RENÉ
DESCARTES, IN: UM USO DE TECNOLOGIA NO
ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO*'.

CURITIBA

2018

DIEINE DA SILVA

VIDEOAULA E A DISCUSSÃO DO TEXTO
FILOSÓFICO '*AS PAIXÕES DA ALMA DE RENÉ
DESCARTES, IN*: UM USO DE TECNOLOGIA NO
ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO'.

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Ensino de Filosofia no
Ensino Médio - Turma 2017, do Setor de
Educação da UFPR, como requisito
parcial à obtenção do grau de
especialista.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Seino
Wiviurka.

CURITIBA

2018

RESUMO

Esta pesquisa teve como intuito experimentar a utilização de ferramentas tecnológicas nas aulas de filosofia como propósito de levar à reflexão sobre a prática educativa, focando para as estratégias tecnológicas na prática pedagógica em discussões de textos em questão de uma maneira rápida, sucinta e modernizada na contemporaneidade e como utilizá-las de maneira a não eximir-se da metodologia curricular pedagógica. Apresentou-se ferramentas digitais utilizadas em sala de aula, enfatizando as tecnologias digitais no processo ensino aprendizagem, apresentando uma análise sobre a utilização do computador na educação e identificando esta ferramenta como sendo de grande valia na construção do conhecimento de um processo de aprendizagem diferenciada e diversificada em sala de aula. O uso das TI's foi analisada de acordo com teorias da educação, assim como importância da utilização das TI's na educação. Refletindo na globalização, nas habilidades ligados a área da tecnologia, um fator de grande importância, partindo da ideia que a mesma produz equipamentos de alta qualidade e baixo custo, a presença da tecnologia deve servir para o enriquecimento do ambiente educacional, propiciando a construção do conhecimento por meio de uma atuação ativa e crítica por parte de alunos e professores. A incorporação de novas tecnologias só terá sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A implantação das TI's se relaciona com vários pontos, pois o professor deixa de ser um transmissor desse conhecimento e passa ser um mediador na formação do conhecimento do aluno, através da busca de informação. A partir de pesquisas bibliográficas, discute-se aqui, as novas exigências educacionais advindas da revolução tecnológica e a utilização desses benefícios ao entendimento e facilitador das aulas de filosofia e a maneira como tais exigências se refletem nos ambientes educacionais e se aplicam no dia-a-dia da educação, exigindo do professor novas habilidades e conhecimentos que o habilitem a atuar como mediador na evolução do conhecimento na era da tecnologia.

Palavras-chave: Tecnologia na Educação; Tecnologia na Filosofia; Ferramentas Digitais; Práticas Filosóficas;

ABSTRACT

The aim of this research was to test the use of technological tools in philosophy classes as a purpose to lead to reflection on educational practice, focusing on technological strategies in pedagogical practice in discussions of texts in question in a fast, succinct and modernized way in contemporary times and how to use them in a way that does not exclude pedagogical curricular methodology. Digital tools used in the classroom were presented, emphasizing digital technologies in the learning teaching process, presenting an analysis about the use of the computer in education and identifying this tool as being of great value in the construction of the knowledge of a differentiated learning process and diversified in the classroom. The use of ITs was analyzed according to theories of education, as well as the importance of using IT in education. Reflecting on the globalization, in the abilities related to the area of technology, a factor of great importance, starting from the idea that it produces equipment of high quality and low cost, the presence of technology should serve to enrich the educational environment, propitiating the construction of the knowledge through active and critical action by students and teachers. The incorporation of new technologies will only make sense if it contributes to improving the quality of education. The implantation of TI's relates to several points, since the teacher ceases to be a transmitter of this knowledge and becomes a mediator in the formation of the student's knowledge through the search of information. Based on bibliographical research, the new educational requirements arising from the technological revolution and the use of these benefits to the understanding and facilitator of philosophy classes and the way in which these requirements are reflected in educational environments are discussed and applied on a daily basis - day of education, requiring the teacher new skills and knowledge that enable him to act as mediator in the evolution of knowledge in the age of technology.

Keywords: Technology in Education; Technology in Philosophy; Digital Tools; Philosophical Practices;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 DISCUSSÃO PEDAGÓGICA	7
2.1 DISCUSSÃO PEDAGÓGICA DA ESTRATÉGIA.....	9
2.2 Revisão de Literatura	10
2.3 DESAFIOS PRÁTICOS DA GESTÃO DO USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO	13
Ações de formatação de gestão para uso de tecnologias	13
3 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PROPOSTA	16
3.1 Fases de um processo de execução de videoaulas	16
3.2 Histórico de Descartes	18
3.3 Paixões Segundo Descartes	19
4 DISCUSSÃO FILOSÓFICA: Texto sugerido: René Descartes, in 'As Paixões da Alma'.	21
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	24
6 REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

A educação vem, ao longo dos tempos, sendo alvo de intensos debates e discussões. O sistema de ensino, diante dos dados revelados por pesquisas nacionais (SAEB, ENEM, INAF) e internacionais (PISA), vem sendo criticado em razão do baixo nível de qualidade apresentado. Será que os problemas educativos podem ser explicados pelos métodos de ensino? E, com o processo de aprendizagem? Afinal, o que está acontecendo com o processo de ensino? Atualmente muitos educadores procuram entender e responder aos desafios da educação considerando os elementos da contemporaneidade. Numa época de crises e transformações não só nas esferas políticas e sociais como também nas científica e pedagógica, os processos de ensino objetivam viabilizar a aprendizagem a todos. A multiplicidade de sujeitos, saberes, espaços e tempos não pode ser secundarizada nas práticas escolares.

Obviamente, não há respostas fáceis ou simples para os desafios que a educação enfrenta. A única certeza, porém, é que precisamos enfrentá-los de mente aberta, sempre prontos a tentar algo novo e aprender rapidamente. À Filosofia cabe, no Ensino Médio o papel de no mínimo despertar no aluno um novo olhar para o mundo. É uma disciplina ímpar porque não traz respostas, ao contrário deve levar ao aluno a perguntar-se, por exemplo: “o que faço aqui?” “para que serve tudo isto?” “o que é certo e o que é errado?” “devo ser justo?”, enfim, questionamentos que aos olhos de todos pode ser ignorado, rejeitado e não aceito. Diante de uma sociedade profundamente em crise, das mais diversas, somos desafiados a inverter a lógica.

Esta proposta monográfica traz um conteúdo pragmático, condensado dos livros didáticos ou resumos fragmentados dos filósofos, que propõe, através de pesquisas “on-line” de textos, um olhar questionador e profundo para o ensino de Filosofia que não seja decorado ou esquecido com o passar destes alunos pelo Ensino Médio. O objetivo da proposta de trabalhar através de uma prévia pesquisa “on-line”, com o uso de rede de internet, disponibilizada pela escola nos laboratórios de informática. A partir de uma temática sugerida pelo professor, levar ao aluno a ideia de uma educação que instiga a reflexão filosófica, uma vez que na história de filosofia é mostrada uma linguagem narrativa simples mas não menos “cativante” ao aluno mas às vezes desestimulante.

No aprendizado do Ensino Médio nos temas do cotidiano e nas suas imediações? Celulares, tablets, laptops, redes sociais, sites de buscas, plataformas diversas em 3D, vídeo games, entre outras ferramentas fazem parte do atual cotidiano das crianças e adolescentes. Ao contrário de evitarmos o uso dessas tecnologias no ambiente escolar, devemos aproveitar toda a potencialidade que elas nos apresentam para utilizarmos ao máximo as possibilidades de aprendizado. Por exemplo jogos “on-line” que desenvolvam a capacidade lógico-matemática ou RPGs que estimulem os alunos a desenvolverem tarefas e encontrarem soluções a partir de desafios são boas alternativas para o aprendizado, podendo também ser dados como lições de casa.

As pesquisas “on-line” de textos, debates, diálogos, já servem de reflexão, despertando o conhecimento e o senso crítico, com o objetivo de despertar a importância da literatura encontrados na rede para o desenvolvimento do pensar e também do seu conteúdo filosófico devidamente conferido e certificado por pesquisas encontrados em fontes tecnológicas, propondo assim uma reflexão com base na metodologia instigada pelo professor, praticada pelos alunos.

Para alcançar este objetivo, estabelece-se duas sugestões específicas, as quais são: investigar a receptividade dos alunos quanto à prática do uso de metodologias tradicionais e construtivistas de ensino; e identificar o perfil dos alunos na qualidade de agentes receptores (passivos) de informações estruturadas ou agentes responsáveis pela geração de seu conhecimento (ativos). Atualmente, com as pesquisas e o avanço tecnológico, surgem novas possibilidades de materiais e metodologias para que os professores utilizam em suas aulas.

Isso se justifica pelas introduções de novas tecnologias ao cotidiano de alunos e professores, bem como pelo fato de que a sala de aula é o ambiente (virtual e/ou presencial), onde o processo de ensino e aprendizagem principal atividade das instituições de ensino mais se manifesta. Assim sendo, essa conjuntura levou à seguinte pergunta: Como utilizar a tecnologia para desenvolver o aprendizado no Ensino Médio da disciplina de Filosofia?

2 DISCUSSÃO PEDAGÓGICA

O trabalho de pesquisa que aqui se propõe se deve à vontade de tentar fazer da disciplina de Filosofia uma disciplina que venha ao encontro dos interesses e indagações do jovem adolescente do Ensino Médio. Mas que suscite nele um desejo ou curiosidade de aprender a pensar.

A pensar neste mundo maluco ou caótico que vivemos e a tentar entender e criar atitudes que venham ao encontro de uma vida diferenciada enquanto possibilidade de reflexão. Neste sentido, torna-se relevante contextualizar Filosofia, seus propósitos na educação escolar e em especial no Ensino Médio, e justifica-se a pesquisa que abordará as dificuldades e avanços em relação ao ensino da filosofia no Ensino Médio, a partir de uma pesquisa bibliográfica que se sedimenta em uma metodologia dialógica, uma pesquisa-ação. Um estudo que nos possibilitará conhecer a práxis pedagógica de um profissional, dialogando sobre as possíveis dificuldades que alunos e docentes podem apresentar, neste novo panorama do ensino da filosofia.

Na obra, “Quando ninguém educa: questionando Paulo Freire”, escrita a partir de um acurado olhar filosófico, o autor dialoga com a legislação educacional atual (em especial a Base Nacional Comum Curricular), e as teorias do currículo e da aprendizagem para assim apresentar elementos sobre a crise da escola pública e suas consequências para a figura do professor. Especialmente, para a vida dos estudantes e sua formação, recuperar a necessidade de uma escola que não delegue o seu papel de ensinar e que efetivamente se constitua em um espaço educativo, diz (KARAM, 2018), dedicada sobre temas de interesse para a pesquisa em educação.

Rocha o faz sem uma pretensão academicista, com uma linguagem simples e direta, com um profundo conhecimento da sociologia da educação, da legislação educacional nacional e do que designa como percepção antropológica da escola. O autor desconstrói o mito de que ninguém educa ninguém, mal apreendido em leituras rasas de Paulo Freire. Posiciona-se claramente em defesa do fortalecimento do currículo e das identidades disciplinares, em relação às opções de politização de uma sociologia educacional crítica que vem norteando e minando as transformações no currículo no Brasil, segundo o autor. Para mostrar a validade de um de seus

argumentos ou pontos de partida para a escrita do livro e da necessidade da “recuperação do sentido do conhecimento disciplinar, sem que isto conflite com qualquer outra proposta de ensino (...)” (ROCHA, 2017, p. 141), o autor percorre o caminho da epistemologia da educação, sobretudo em companhia de Bernstein para caracterizar noções de conhecimento, variedade de aprendizagem e eixos e dimensões do currículo escolar para discutir o tema tabu da distribuição de carga horária e da natureza dos conhecimentos disciplinares a serem ensinados.

Através de uma discussão polêmica, o autor nos mostra as deturpações de um sistema educacional que em nome do justificado alargamento da oferta de vagas para a educação básica não discutiu seus pressupostos de atuação e suas estratégias pedagógicas em termos de formação docente (Rocha, p.135), mas que apostou suas fichas na politização da escola. Dos muitos pontos que ainda restam a sublinhar neste trabalho, que merece ser lido por todos aqueles que se interessam por educação e seus desafios no Brasil, bem como pelas polêmicas que suscita, gostaria de salientar duas dimensões que me causaram um estranhamento salutar com relação ao texto e às suas proposições. A primeira se refere às discussões que a obra efetua sobre os lugares da Sociologia e da Filosofia, nos tempos em que vivemos de reforma do Ensino Médio e da ladainha de uma escola que um conjunto de políticos e religiosos nacionais deseja configurar como neutra e por isto “sem partido”.

A resposta do autor para as crises disciplinares e nossas angústias de formadores de professores destas áreas é encorajante. Ele se posiciona em favor das disciplinas e da construção de um currículo que efetivamente possa ensinar (ROCHA, 2017). A partir da leitura do texto de Rocha, de que é preciso que a Base Nacional Comum Curricular efetivamente se manifeste no sentido do que devemos ensinar, para além de supostas divagações que são ininteligíveis mesmo para a maior parte dos professores que formamos, a segunda dimensão que desejo salientar, para finalizar, é a da visão antropológica da escola apresentada pelo autor, dos seus sentidos e desdobramentos existenciais.

Rocha busca no conjunto de suas lembranças, em uma espécie de auto etnografia, o seu desejo e sua concepção de educar. Segundo o autor, do ponto de vista de uma vida vivida de criança, pais e de professor, o autor nos explica o papel da escola no enredo da vida e da necessária passagem da família para o mundo

que deve percorrer o aluno, dimensão que cabe à escola inequivocamente promover neste percurso.

2.1 DISCUSSÃO PEDAGÓGICA DA ESTRATÉGIA

Suscitar no aluno do Ensino Médio a curiosidade e vontade de conhecer a Filosofia de forma que esta seja, não apenas mais uma disciplina para preencher o currículo escolar, mas uma experiência que o leve a descobrir que é capaz de discernir e pensar sobre a vida e o mundo com uma visão diferenciada, criando ideias e atitudes que consigam ir além do senso comum.

Combinados com os “títulos” e “autores”, as sugestões para discussão de textos utilizando tecnologia as lições vão ser muito mais interessantes. As redes sociais também podem ser grandes aliadas na inovação do ensino. Com uma grande parcela da população conectada por meio delas, podemos criar grupos de estudo, projetos audiovisuais, disponibilizar conteúdos extras e interativos, programar eventos e montar chats em que os alunos podem se ajudar e tirar dúvidas. Facebook, Instagram, Twitter, entre outras redes, fornecem ótimas ferramentas para estudantes e professores explorarem ideias criativas ao máximo.

Propor uma discussão em forma de vídeo aula ou uma “live” ou “transmissão ao vivo” do facebook ou “direct” do instagram feita através do celular com uso da câmera em “modo execução de vídeo”, ou um simples vídeo executado na câmera do smartphone pelos próprios alunos a ser apresentada em sala de aula com auxílio de retroprojector, mostrará o desafio ao interesse a aula.

O professor, enquanto docente, pode optar e usar as metodologias de ensino que considera como benéficas para o aprendizado do aluno. Porém, não basta o professor inovar e empregar novas metodologias, ele deve identificar se o uso das mesmas auxilia o aluno no seu aprendizado. Por esse motivo, o professor deve acompanhar os alunos durante a inclusão dessas novas metodologias. Entre essas contribuições está a necessidade de promover uma revisão dos temas clássicos da didática: ensino, aprendizagem, finalidades do ensino, objetivos, conteúdos, métodos, avaliação, revisão dos referenciais históricos e novos conceitos.

2.2 Revisão de Literatura

Esta seção do trabalho apresenta a revisão da literatura, baseada na temática da Educação em Filosofia com Tecnologia de como ela se compõe e desenvolve na sala de aula com aplicação de temáticas. A partir de um respectivo autor filosófico, neste citado Descartes, formar uma discussão conforme o texto, desenvolvendo os com a execução da proposta sugerida nesta pesquisa, as tarefas, utilizando a tecnologia como ferramenta de apoio para os estudos, compreensão, reflexões e debates.

Os processos educativos contemporâneos, numa sociedade capitalista, são produtos de transformações econômicas, políticas, científicas e tecnológicas. Ao longo dos últimos anos, pode-se perceber um aumento de demanda por Tecnologias de Informação, TI. Pode-se definir Tecnologia da Informação (TI) como o conjunto de todas as atividades e soluções providas por recursos de computação que visam a produção, o armazenamento, a transmissão, o acesso, a segurança e o uso das informações. Indivíduos e organizações, fazem uso de tecnologias com cada vez mais maior frequência, que evoluem e algumas vezes, revolucionam as estruturas das relações existentes, seja no âmbito pessoal ou mercadológico.

As TI acabam estando presentes em, praticamente, todas as áreas da vida dos indivíduos, incluindo o contexto das Instituições de Ensino Médio (IEM), onde essas demandas também são reais (ALBERTIN, 2010), com o desenvolvimento de dispositivos móveis que englobam variadas funcionalidades de ação ou de uso como ferramenta tecnológica.

Ao longo dos últimos anos, pode-se perceber um aumento de demanda por Tecnologias de Informação. Indivíduos e organizações, cada vez mais fazem uso de tecnologias que evoluem e, algumas vezes, revolucionam as estruturas das relações existentes, seja no âmbito pessoal ou mercadológico. Já Alvarez (2011) indicam que a adoção de tecnologias móveis em ambientes de aprendizagem é um desafio para estudantes, professores e pesquisadores, já que são necessários mecanismos que atendam claramente aos propósitos didáticos e às questões de usabilidade.

As TIs são um recurso valioso e provocam repercussões em todos os níveis da estrutura organizacional: no nível estratégico, quando uma ação é suscetível de aumentar a coerência entre a organização e o meio envolvente, que por sua vez se

traduz num aumento de eficácia em termos de cumprimento da missão organizacional. Nos níveis operacional e administrativo, quando existem efeitos endógenos, traduzidos em aumento da eficiência organizacional em termos de opções estratégicas. As Tecnologias de Informação têm reconhecidamente impactos no nível interno das organizações: na estrutura orgânica e no papel de enquadramento/coordenação na organização, em nível psicossociológico e das relações pessoais. Com o desenvolvimento de dispositivos móveis que englobam variadas funcionalidades, as TI acabam estando presentes em, praticamente, todas as áreas da vida dos indivíduos, incluindo o contexto das IEM, onde essas demandas também são reais (Albertin, 2010; Liaw, 2010).

Em um contexto tão amplo como o das IEM, com diferentes fatores implicando em diversos fenômenos no processo de ensino aprendizagem, há uma série de estudos sobre a relação entre alunos, professores e TI nas salas de aula. Sharples (2010), por exemplo, defendem que a relação entre o estudante e as tecnologias utilizadas por ele, em sala de aula, são determinantes para o avanço da aprendizagem. Já Alvarez (2011) indicam que a adoção de tecnologias móveis em ambientes de aprendizagem é um desafio para estudantes, professores e pesquisadores, já que são necessários mecanismos que atendam claramente aos propósitos didáticos e às questões de usabilidade.

Outros importantes estudos abordam a existência e a relação entre as dimensões e os componentes da Educação, incluindo as TI, que impactam nos processos de ensino e aprendizagem, Koehler (2007) e a importância que os gestores da Educação conheçam os fatores que influenciam esses processos e, conseqüentemente, o desempenho das instituições de ensino, Harris (2011) e Sass (2014). Faz-se necessário que a escola adote uma nova postura para transformar tanta informação em conhecimento e esse é o papel da Escola, quebrar paradigmas de todos aqueles que diretamente são responsáveis pelo acontecer da educação, Seegger (2012).

O aluno tem como aliado o professor que é o facilitador da sua aprendizagem. O professor que é o mediador e está sempre atento na aprendizagem do aluno, propiciando um ambiente favorável aos debates. No entanto, isto requer por parte do professor flexibilidade e responsabilidade para contemplar as questões emergentes e inusitadas, de modo que possam ser integradas aos participantes.

O mais importante é a credibilidade do professor, sua capacidade de estabelecer laços de empatia, de afeto, de colaboração, de incentivo, de manter o equilíbrio entre flexibilidade e organização (MORAN, 2000, p. 55).

A base da aprendizagem está na informação de forma organizada e significativa, a informação transformada em conhecimento, as tecnologias ajudam a encontrar o que está consolidado e a organizar o que está confuso, daí a importância de dominar ferramentas em busca da informação e saber interpretar o que se escolhe, adaptá-lo ao contexto pessoal e regional e situar cada informação dentro do universo de referências pessoais. O foco da aprendizagem é a busca da informação significativa, da pesquisa, o desenvolvimento de projetos e não predominantemente a transmissão de conteúdos específicos. As aulas se estruturam em projetos e em conteúdos. A Internet está se tornando uma mídia fundamental para a pesquisa. O acesso instantâneo a portais de busca, a disponibilização de artigos ordenados por palavras-chave facilitaram em muito o acesso às informações necessárias.

O foco da aprendizagem é a busca da informação significativa, da pesquisa, o desenvolvimento de projetos e não predominantemente a transmissão de conteúdos específicos. As aulas se estruturam em projetos e em conteúdos. A Internet está se tornando uma mídia fundamental para a pesquisa. O acesso instantâneo a portais de busca, a disponibilização de artigos ordenados por palavras-chave facilitaram em muito o acesso às informações necessárias. Nunca como até agora professores, alunos e todos os cidadãos possuíam a riqueza, variedade e acessibilidade de milhões de páginas WEB de qualquer lugar, a qualquer momento e, em geral, de forma gratuita (MORAN, 2000, p. 12).

O educador sempre foi importante e continua sendo, não como repetidor de informações prontas, mas como mediador. O professor é um pesquisador e ao mesmo tempo um articulador de aprendizagens, avaliador dos resultados onde o seu papel é criativo ao invés de repetitivo. A Educação hoje passa por um processo de transformação na área da comunicação entre aluno e professor, é mais interessante ser um educador dentro de um contexto comunicacional, interativo e participativo, já não se pode mais ensinar com autoritarismo, com o uso das tecnologias pode-se vivenciar processos participativos de compartilhamento entre o ensinar e o aprender, através de uma comunicação aberta, de constante motivação num processo dinâmico e amplo.

Só podemos educar para a autonomia, para a liberdade com autonomia e liberdade. Uma das tarefas mais urgentes é educar o educador/pai para uma nova relação no processo de ensinar e aprender, mais aberta,

participativa, respeitosa do ritmo de cada aluno, das habilidades específicas de cada um (MORAN, 2000, p. 15).

Percebe-se o quanto é importante ser e ter educadores preparados, facilitando assim todo o processo de organizar a aprendizagem, segundo Moran e estimulando e apoiando a crítica, estabelecendo formas democráticas de pesquisa e de comunicação com professores sensíveis e humanos que valorizem mais a busca que o resultado pronto.

2.3 DESAFIOS PRÁTICOS DA GESTÃO DO USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Até há dez anos ninguém tinha smartphones em seu bolso. Os celulares eram usados exclusivamente para telefonemas e eventuais mensagens por SMS. As escolas têm que se preparar para o atual estágio de conectividade da sociedade e de seus alunos. Antever o que nos espera não é trivial, porém não investir na inovação com foco na aprendizagem é um grande erro. “Tudo que podia ser inventado já o foi”, disse Charles H. Duell, diretor do Departamento de Patentes dos Estados Unidos, em 1899, ao propor o fechamento da sessão de registro de novas patentes. Por outro lado, “a imaginação é mais importante que o conhecimento”, afirmou Albert Einstein.

A escola tem que saber o que deseja com o uso das tecnologias, gerir o custo e a eficácia de cada equipamento, investir na infraestrutura básica, definir políticas de uso, de manutenção e de gestão desses recursos. Acompanhar a utilização, com indicadores de resultados, taxas de uso, curadoria de conteúdos, investimento em formação continuada.

Ações de formação de gestão para uso de tecnologias

Para um uso efetivo das tecnologias na escola, são necessárias várias ações de formação e gestão de professores, coordenadores e administradores: consistência do projeto político-pedagógico e análise das competências e habilidades a trabalhar (entre estas, algumas como: aprender com os erros, levantar hipóteses, reconhecer padrões, saber se comunicar, articular-se em rede, desenvolver projetos, saber pesquisar, organizar-se e ser metódico, ter prazer intelectual, empreendedorismo cognitivo).

Para a definição de equipamentos e infraestrutura, há que levar em conta as especificidades dos vários ambientes: laboratório, sala de aula, auditórios, biblioteca, sala dos professores, pátio e corredores, bem como a casa dos alunos. Mas o mais importante mesmo é observar a real utilização no dia a dia da escola, ter indicadores de avaliação e investir no que efetivamente alavancar ações de inovação e apresentar resultados palpáveis na aprendizagem.

Listando a seguir um conjunto de itens fundamentais para a escola pensar nas políticas de aquisição, manutenção e utilização, em alguns eixos que se cruzam:

1 Quadro de definição de sugestões da composição básica de componentes tecnológicos para formação de um conjunto necessário para ação em uma prática de execução videoaula:

Plataformas de hardware	<p>Computadores: Chromebook, Windows, Linux, Macintosh.</p> <p>Tablets/celulares: iOS, Android. Kindle, Kobo etc.</p>
Acesso internet e redes	<p>Conectividade: banda larga (fibra, IP fixo), servidor (cache local, conteúdos offline), tablets (transporte, carregamento), wi-fi (segmentado, com gestão de acesso).</p> <p>Questões relacionadas: nuvem (armazenagem), segurança (antimalware), filtros (conteúdos seguros), logs (auditoria de acessos), back-up (recuperação), cache (vídeos, áudios etc.).</p>
Equipamentos e dispositivos	Projetores multimídia, impressoras, scanners, storage, lousa eletrônica, caixas de som, microfones, fones de ouvido, filmadoras e máquinas fotográficas, mesa de edição etc.
Gestão de uso	MDM (Mobile Device Management), firewall (com função load balance), proxy (filtro de conteúdos), switchs (segmentação de rede), site survey (topologia da infraestrutura), políticas definidas com todos, gestão democrática, contínua atualização e monitoramento.
Software	Pacotes de escritório, apps e programas educacionais, editores de imagem e de vídeo, editores de áudio e música, jogos educacionais, audiovisuais, browsers e comunicadores na web, software livre e proprietário.
Recursos humanos	Professores, monitores, coordenadores e administradores envolvidos nas tarefas de suporte, manutenção, gestão, upgrades, suprimentos, capacitação e apropriação, compartilhamento da informação, articulação em rede.

Desvantagens de uso de TI:

No contexto de ensino e aprendizagem, a TI se manifesta como ameaça em diversas situações:

- Quando os alunos se tornam mais dispersos;
- Quando isso atrapalha as dinâmicas de sala de aula;
- Quando utilizada pelos alunos para desafiar os professores;
- Quando utilizada para plágio de trabalhos;
- Dentre outras situações.

3 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PROPOSTA

Pesquisas realizadas com os alunos e professores através de perguntas específicas a investigar expectativas nas aulas de filosofias em laboratórios de informática durante ano letivo conforme as propriedades: Preparação das Aulas; Concepção Sobre Tecnologia; Percepção do Valor de TI; e Infraestrutura de TI. Também dividiu-se em categorias sequenciais do processo das propriedades: Antecedentes às aulas, Uso em Sala de Aula e Ações Extraclasse a serem tratadas individualmente.

Assim, este trabalho propõe uma abordagem exploratória que investiga o fenômeno do uso de TI, contemplada de entrevistas com alunos e professores do EM, tendo a sala de aula como unidade de análise e como a confecção e utilização destes recursos podem acontecer em sala de aula.

3.1 Fases de um processo de execução de videoaulas

Antecedentes às aulas

A categoria Antecedentes às Aulas é definida como os aspectos e características pessoais dos entrevistados que podem implicar na forma de perceber a TI no contexto da educação. A propriedade de Preparação das Aulas corresponde à forma como os alunos se preparam para confeccionar o material a ser utilizado em uma determinada disciplina. A partir dos discursos dos entrevistados, pode-se perceber que a maioria se apóia nos conteúdos acadêmicos, provenientes de livros e casos práticos de textos. A tecnologia foi citada frequentemente como uma ferramenta que suporta este processo de identificação, qualificação e exemplificação de casos de discussão dos textos em sala de aula.

Já a propriedade de concepção sobre Tecnologia é tomada como a compreensão do professor sobre a tecnologia e suas possibilidades de uso no ambiente acadêmico. A concepção da tecnologia é vista por todos os entrevistados em diversos momentos, desde o antes, o durante e o pós-aula. Dentre as propriedades percebidas sobre a TI, relatou-se, principalmente, que esta possibilita imprimir maior velocidade na transmissão dos conteúdos.

Outra propriedade, a Percepção do Valor de TI para o professor, significa a

natureza do impacto que a mesma proverá para o ambiente de escolar. Nesse contexto, a maioria dos professores destacou como positivo e agregador o uso da TI na preparação e na ministração das aulas. Por fim, a propriedade de Infraestrutura de TI corresponde à disponibilidade e utilização de recursos tecnológicos pelo professor, para ministrar suas aulas.

Os recursos de tecnologia mencionados são *software*, *hardware*, *internet*, *smartphone*, retroprojeto ou projetor, base de dados e conhecimento de informática. Eles podem ser providos pela instituição, professor e aluno. Na maioria dos casos, os alunos levam equipamentos próprios para as salas de aula. As diferenças entre retroprojeto e projetor data show, é a forma como são colocadas as imagens a serem exibidas na tela. No retroprojeto você deve colocar a imagem, nas transparências, sobre a tela do retroprojeto. Já no projetor data show multimídia, a imagem fica em um computador, receiver, ou notebook conectado ao aparelho. O projetor multimídia está sendo largamente utilizado atualmente, por ser mais moderno que o retro.

A utilização de infraestrutura de TI ocorre antes, durante e após a aula. Poucas escolas possuem infraestrutura disponível para cadastrar material de aula, desenvolver rede de relacionamento e apoiar o processo de avaliação dos alunos, provas, trabalhos, etc.

Uso em sala de aula

A categoria Uso em Sala de Aula engloba os fenômenos que constituem o processo de utilização de TI em salas de aula. Essa categoria é composta pelas propriedade: Uso de TI pelo aluno, nessa propriedade, verifiquei uma variação de posição favorável a desfavorável por parte dos professores, com relação a sua intensidade. Pois isso acontece sem orientação aos alunos. Se houvesse orientação a aula já seria direcionada para o resultado desde o início da aula. Falta seguimento para os professores para conduzir uma aula com aproveitamento a contemporaneidade.

Foi mencionado que a maior parte dos alunos utiliza: smartphones, celulares, notebooks, tablets e acessam a Internet por meio desses recursos em sala de aula. E quando usam, os poucos que usam, usam de forma errada. Por que eles acabam navegando pelo facebook ao invés de utilizar a ferramenta de uma forma mais

interessante, o facebook tem várias facetas de soluções tecnológicas, como por exemplo, executar vídeos, tanto salvo, quanto on-line, as “lives” e “transmissões ao vivo”, salvar arquivo com conteúdo de dados, etc, hoje tranquilamente utilizado como ferramenta em marketing digital. Na propriedade de percepção de Agregação de Valor, por parte dos professores, verifiquei uma variação de negativa para positiva, em sua intensidade, sendo que a maioria dos entrevistados mostrou uma percepção positiva quanto ao uso de TI em sala de aula.

Ações Extra Classe

A categoria Ações Extra Classe engloba os fenômenos que acontecem fora, mas que implicam diretamente nas relações das salas de aula. A partir dos dados emergiram as propriedades: uso de redes sociais e uso de e-Mail.

As propriedades Redes Sociais e Uso de E-mail emergiram da maior parte das entrevistas realizadas. Essas propriedades apresentam dimensões que variam de negativa para positiva em termos de intensidade, prevalecendo uma maior concentração na parte positiva. Todavia, é válido ressaltar as restrições ligadas a cuidados de imagem por parte de uso de imagens.

3.2 Histórico de Descartes

René Descartes (1596 - 1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Autor da frase "Penso, logo existo". É considerado o criador do pensamento cartesiano, sistema filosófico que deu origem à Filosofia Moderna. Sua preocupação era com a ordem e a clareza. Propôs fazer uma filosofia que nunca acreditasse no falso, que fosse fundamentada única e exclusivamente na verdade. Uma nova visão da natureza anula o significado moral e religioso dos fenômenos naturais. Determinava que a ciência deveria ser prática e não especulativa.

No livro As Paixões da Alma de 1649, o filósofo francês René Descartes procura entender os sentimentos das paixões e tirar conclusões éticas a respeito. Procurando responder essa difícil questão, em 1649, Descartes publica o livro “As Paixões da Alma”, ou o também chamado “Tratado das Paixões”, e o dedica à princesa. Nesta obra, a doutrina cartesiana pretende explicar as paixões, fazendo um estudo sobre sua origem e as diferentes espécies de paixões. Dividido em três

partes, o Tratado dedica a primeira parte ao estudo da natureza das paixões em geral, bem como de toda natureza do homem. Na segunda parte deste livro, Descartes enumera e procura explicar o que ele considera as seis paixões primitivas, a saber: a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza. Após tratar destas - que são como gêneros de paixões -, na terceira parte desta obra, o autor trata das paixões específicas, que são como espécies daquelas seis primeiras.

3.3 Paixões Segundo Descartes

As Paixões da Alma é um tratado elaborado por René Descartes. Foi a última obra publicada pelo autor, em 1649 e foi dedicada a Elisabete da Boémia. O autor contribui para uma longa tradição sobre a teorização das "paixões". As paixões eram experimentadas e muitas vezes equacionadas com ou rotuladas como precursoras do que eram usualmente chamadas as "emoções" na idade moderna. Por exemplo, as paixões, como sugerido pela etimologia da palavra, eram passivas por natureza; isto quer dizer que o experienciar de uma paixão era sempre causado por um objeto exterior ao sujeito. Explicar o que são e como acontecem sensações, apetites e emoções, isto é, esta variedade de eventos de interação psicofísica chamados paixões, é uma tarefa que Descartes enfrentava na sua época. O sentido geral que o termo "paixão" tem em sua origem etimológica, a noção de passividade, de modificação sofrida, é conservado na doutrina cartesiana.

A paixão refere-se, assim, a uma experiência que acontece ao espírito, e a ação, ao que faz com que aconteça a afecção, a modificação na alma. Em outras palavras, também na perspectiva cartesiana, a alma sofre uma modificação, ela recebe, padece pela ação de algo que não é ela mesma, e é nisto que consiste o sentido de passividade, de modificação sofrida, conservado da sua raiz etimológica. Contudo, as paixões não comportam apenas um significado de recepção daquilo que o corpo lhe confere. Mais do que isso, podem até significar a mesma coisa, visto que não há paixão sem ação e, como diz Descartes: "a ação e a paixão não deixam de ser sempre uma mesma coisa com dois nomes, devido aos dois sujeitos diversos aos quais podemos relacioná-la". (DESCARTES, 1987a [1649], p.77).

Podemos entender que o sentido geral dado por Descartes à paixão, ou seja,

um evento da alma causado pelo corpo, conserva um sentido que chamamos relacional, visto que a paixão é causada no espírito por algo que não é ele mesmo, pressupondo, assim, uma relação de duas coisas. Assim, o sentido da passividade, de padecer por algo extrínseco à alma, faz sentido, quando afetada pela paixão, a alma não age, ela sofre, é modificada pela ação do corpo. Além disso, como fruto da relação entre a mente e o corpo, as paixões refletem não somente a interação do corpo com o espírito, mas também, a influência da alma no corpo. É o que percebemos quando Descartes fala do efeito principal das paixões. Elas conferem uma repercussão no corpo, “incitam a alma a querer coisas para as quais lhes preparam o corpo” (DESCARTES, 1987a [1649], p.92).

Escreve Descartes: Os que têm, por natureza, forte pendor para as emoções da alegria e da compaixão, ou do medo, ou da cólera, não podem impedir-se de desmaiar, ou de chorar, ou de tremer, ou de ter o sangue todo agitado como se tivessem febre, quando a sua fantasia é fortemente tocada pelo objeto de alguma dessas paixões. (DESCARTES, 1987a [1649], p.153). Com passividade, a alma é atingida pelo corpo, e este, por sua vez, é passivamente atingido pelos efeitos das paixões.

Para Descartes, ação e paixão podem ser entendidos como a mesma coisa, com dois nomes diferentes, dependendo do sujeito ao qual a relacionamos. Estudarmos as paixões significa, portanto, estudarmos o sujeito que as causa, não como opostos simplesmente, mas muito mais como relação entre corpo e alma, o que é um pressuposto para que aconteçam paixões. A estranheza dos eventos da relação entre a mente e corpo, diante do dualismo cartesiano não é de hoje. O reconhecimento do sentido primitivo do termo “paixão” na doutrina de Descartes mostra a paixão como um fenômeno de interação psicofísica, denuncia a interação entre a mente e corpo. Mas precisamos ir além de um mero indício para que possamos saber o que são as paixões.

4 DISCUSSÃO FILOSÓFICA: Texto sugerido: René Descartes, in 'As Paixões da Alma'.

Exemplo de discussão de texto para um videoaula.

Tema: **Da diferença entre a simples afeição, a amizade e a devoção.**

Descartes escreve nas *Paixões da Alma*: “Não observamos que exista algum sujeito que haja mais diretamente sobre nossa alma do que o corpo ao qual está unida; e que conseqüentemente devemos pensar que aquilo que nela é uma paixão, nele é habitualmente uma ação.” (DESCARTES, 1987a [1649], p.77).

Uma emoção, como é transmitida pelo discurso psicológico contemporâneo assim como na cultura popular, é normalmente explicada como uma evento interno ao indivíduo ou tendo lugar dentro do sujeito. Por tal, uma emoção é produzida pelo sujeito enquanto que uma paixão é sofrida pelo sujeito. Em *As paixões da Alma*, discriminados em 3 partes e 212 artigos. “As percepções ou sensações e excitações da alma”... que são causadas, mantidas e amplificadas por alguns movimentos dos espíritos, dos músculos e do psíquico, tornando tudo isso o discernimento do sentir emocional da vibração do amor. Descartes define estes fenômenos como se segue:

Logo na primeira parte de *As Paixões da Alma*, fica evidente a intenção de explicar o dualismo corpo-mente perante o conhecimento científico do organismo humano que se tinha até então. Nesse sentido, ele procurou delimitar a diferença entre corpo e alma, vontade e paixão, além de apontar os efeitos da percepção sobre o ser humano. Toda uma descrição fisiológica do funcionamento dos nervos, músculos, cérebro e coração é feita com o intuito de mostrar como as paixões são produzidas pelos “espíritos animais” e como a alma pode influir no controle do corpo sem confundir-se com este, etc.

Descartes propõe que, para conhecer as paixões da alma, é preciso distinguir entre suas funções e as do corpo. A alma está unida ao corpo, não havendo algo que esteja mais diretamente ligado ao corpo do que a própria alma. O que na alma é uma paixão no corpo é habitualmente uma ação. A regra para perceber as diferenças que existem entre o corpo e a alma dá - se do seguinte modo: tudo que observamos, sentimos em nós e em corpos inanimados deve ser atribuído apenas ao corpo e será sempre uma ação ao passo que tudo o que observamos existir em nós e que não concebemos como pertencentes a um corpo deve ser atribuído a alma e será sempre uma paixão. O corpo não pensa. A alma é pensamento e o corpo é somente extensão. O calor e os movimentos que existem em nós não

dependem do pensamento e pertence somente ao corpo. A morte não ocorre pela falta da alma, mas, pelo fato de as principais partes do corpo se corromper, desestruturando o encadeamento mecânico e cessando o princípio do movimento.

Os movimentos dos membros dependem dos músculos os quais são opostos uns aos outros. Todos os movimentos dos músculos e dos sentidos dependem dos nervos que são parecidos a filetes ou pequenos tubos que provém do cérebro e que contém um certo ar ou vento chamado por Descartes de espíritos animais. O movimento do coração tem como efeito dilatar o sangue de suas cavidades. Toda vez que entra sangue novo o batimento e/ou movimento cardíaco se “reitera” ratificando e/ou dilatando o sangue e movimentando-o por todas as artérias. Por esse meio ele transporta o calor que adquire no coração por todas as partes do corpo e lhes serve de alimento.

As partes do sangue mais vivas e mais sutis feitas pelo calor no coração entram em grande quantidade nas cavidades do cérebro. De todo o sangue que sai do coração, entram apenas as partes mais ligeiras no cérebro, que compõe os espíritos animais. O restante se espalha pelo corpo. Esses espíritos animais são corpos minúsculos que se movem muito rapidamente. Não se detêm em lugar algum e, a medida que uns entram outros saem gerando o movimento. O fato de um músculo se encurta para gerar o movimento é que vêm mais espíritos animais do cérebro para ele do que para outro.

Os que saem do cérebro, por si sós não movem os músculos, mas impulsionam os espíritos já existentes nos músculos a saírem, os quais são em muito mais quantidade e que entram em outro músculo fazendo com que este se torne mais rígido enquanto àquele se dilata gerando, conseqüentemente, o movimento. Os espíritos animais são diversos em suas partes e desiguais em sua agitação, o que contribui para que sejam conduzidos diversamente para os músculos. O sangue, que dilatando-se menos ou mais fortemente, produz espíritos dispostos diversamente. Esses espíritos animais cumprem a trajetória: objeto, cérebro, coração, emoção. Descartes classifica as nossas vontades em dois tipos: as ações da alma que terminam na própria alma e as ações que terminam no próprio corpo. Também, as percepções são de dois tipos. E umas têm como causa a alma, outras têm como causa o corpo. Nós nascemos condenados a sentir paixões. E essas paixões são de tal forma causadas, alimentadas, e fortalecidas pelos espíritos

animais. A mente não apenas recebe paixões: uma vez que elas estão na mente, estas se tornam emoções ativas, direcionando a associação de idéias e inclinando embora, é claro, não determinando a vontade a formar desejos que são úteis para o composto individual, isto é, para o corpo como parte da composição. Assim, além da passividade, podemos dizer que a paixão mostra um caráter ativo, pois apresenta reações do sujeito ao relacionar-se com algo que causa uma modificação no espírito, no corpo e na mente. E isto retoma a idéia de que a passividade da paixão, no sistema cartesiano, é entendida como atrelada a uma certa atividade que repercute no corpo mais precisamente.

Como, por exemplo, quando sentimos medo, a alma é incitada a querer fugir daquilo que lhe causa esta paixão, movendo o corpo para realizar este desejo. Deste modo, podemos entender que as paixões não apenas dizem respeito a uma afecção da alma, mas, de certa forma, a uma reação desta no corpo ao qual está intimamente ligada.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente trabalho buscou prover explicações acerca do fenômeno do uso de TI, no nível de sala de aula, considerando suas características disseminadoras, sob a ótica dos alunos e professores entrevistados. Essas premissas estão implícitas no modelo que elucida os fatores envolvidos no uso de TI em sala de aula.

A TI também pode se manifestar como oportunidade, ao passo que professores podem utilizá-la para melhorar seu relacionamento com alunos, bem como para atualizar seus materiais, para ilustração de casos práticos, para potencializar as dinâmicas de sala de aula e para gerar mais integração em sala de aula, dentre outros benefícios: as questões dos critérios dos professores para fazer a seleção de conteúdos e atividades escolares, o equilíbrio que deve haver entre as condições de ensino do professor e os direitos de aprendizagem do aluno, as polêmicas sobre currículo mínimo, sobre a natureza da disciplina e, em especial, a questão das relações entre os conteúdos da Filosofia com os conteúdos das demais disciplinas e atividades escolares.

Assim, esse trabalho apresenta um modelo inicial que identifica os fatores e aprofundar os entendimentos apresentados nos trabalhos sobre uso de TI na educação, no que se refere à compreensão deste fenômeno, no nível de sala de aula, baseando-se nas categorias, propriedades e dimensões que emergiram do campo de pesquisa. Entretanto, espera-se que este modelo inicial sirva como referência para os gestores de IEM e que os trabalhos futuros possam aprofundar e validar as relações entre as categorias e as propriedades apresentadas.

Na
apresentação desta discussão apresentada nesta monografia, podemos mostrar em vídeo o que Descartes conclui explicando, que apesar de estarmos condenados a sentir paixões, podemos controlá-las. E o controle dessas paixões é uma questão de método.

Assim parece-me que podemos, com maior razão, distinguir o amor em função da estima que temos pelo que amamos, em comparação com nós mesmos. Pois quando estimamos o objeto do nosso amor menos que a nós mesmos, temos por ele apenas uma simples afeição; quando o estimamos tanto quanto a nós mesmos, a isso se chama amizade; e quando o estimamos mais, a paixão que

temos pode ser denominada como devoção. E assim, podemos ter afeição por uma flor, por um pássaro, por qualquer animal; porém, a menos que o nosso espírito seja muito desajustado, apenas por seres humanos podemos ter amizade. De tal maneira eles são objeto dessa paixão e que não há homem tão imperfeito que não possamos ter por ele uma amizade muito perfeita, quando pensamos que somos amados por ele e quando temos a alma verdadeiramente nobre e generosa.

Quanto à devoção, o seu principal objeto é sem dúvida a soberana divindade, da qual não poderíamos deixar de ser devotos quando a conhecemos como se deve conhecer. Mas também podemos ter devoção pelo nosso príncipe, pelo nosso país, pela nossa cidade, e mesmo por um homem particular quando o estimamos muito mais que a nós mesmos. Ora, a diferença que há entre esses três tipos de amor manifesta-se principalmente pelos seus efeitos; pois, como em todos nós consideramos juntos e unidos à coisa amada, estamos sempre dispostos a abandonar a menor parte do todo que compomos com ela, para conservar a outra.

Isto leva-nos, na simples afeição, a sempre nos referirmos ao que amamos e, na devoção, ao contrário, a preferirmos a coisa amada e não a nós mesmos, de tal forma que não hesitamos em morrer para a conservar. Frequentemente se viram exemplos disso, nos que se expuseram à morte certa para defender o seu príncipe ou a sua cidade, e mesmo às vezes pessoas particulares às quais se tinham devotado por inteiro. Sugiro conhecimento amplo sobre a obra de Descartes 'As Paixões da Alma', parte 1, 2 e 3, para elaborações de textos para as discussões do texto filosófico: 'As Paixões da Alma de Descartes', ficando dentro do contexto da obra e desenvolvendo a prática tecnológica. Nesta discussão de texto no tema sugerido, entende-se as diferentes conotações da paixão discriminada em vários sentidos ou fases da paixão e subentende-se estar todas plausíveis de verdade, pois o autor, Descartes, a descreve como tal. A prática se dará útil para uma maior assimilação da variedade de ideias que a obra trás para continuidade e evolução da pesquisa, como também elaborar exemplos práticos com a montagem dos vídeos para dar contribuição para a metodologia de ensino atual e também para didática dos docente na sala de aula e melhor aceitação com aproveitamento dos alunos em aulas práticas de filosofia nas salas de aulas.

6 REFERÊNCIAS

CUPANI, A. **Filosofia da Tecnologia**. In: Revista Filosofia, nº 63, Set/2011, p. 14-23. São Paulo: Editora Escala, 2011.

DESCARTES, R. **As Paixões da Alma**; trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. – São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma**. Disponível em: <https://professordiegodelpasso.files.wordpress.com/2016/05/rene-descartes-as-paixoes-da-alma.pdf> Acesso em 16 Mar 2018.

DOMINGOS, I. **Ética, Ciência e Tecnologia**. Kriterion, nº 109, jun/2004, p. 159-154.

DUSEK, V. **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo: Loyola, 2009.

FEENBERG, A. **O que é filosofia da tecnologia?**. Disponível em: https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf Acesso em: 25 Mar. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42. ed., 2005.

FREIT, Verlaïne. **A pesquisa em filosofia**. Disponível em: <https://coracaofilosofante.files.wordpress.com/2015/06/pesquisa-filosofia-1.pdf> Acesso em: 12 Abr 2018.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p. Título: Métodos e Tipos de Pesquisa.

GRINSPUN, M.P.S. **“Educação Tecnológica”**. In: GRINSPUN, M.P.S (Org.). Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

HENNING, Leoni. **Pesquisa filosófica na Educação: a formação do pesquisador e sua contribuição no campo educacional**, In: HENNING, Leoni Maria Padilha (org.) Pesquisa Ensino e Extensão no Campo Filosófico-Educacional: possibilidades presentes no contexto universitário, Londrina: EDUEL, 2010. (pág.21-40).

KARAM, Ceres Brum. **ESTUDOS ETNOGRÁFICOS EM EDUCAÇÃO** Revista Contemporânea de Educação, v. 13, n. 26, jan/abr 2018 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v13i26.14419> Acesso em 05 Abr 2018.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009, p.12-17

PEREIRA, V. A. Marshall McLuhan, **o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos**. UNI revista, Vol. 1, nº 3, jun, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. **A pesquisa em didática - 1996 a 1999**. In: CANDAU, Vera Maria (Org). Didática, currículo e saberes escolares. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Revista Língua, pg.29. Editora Segmento, 2013. A tecnologia na aula. <http://porteiros.s.unipampa.edu.br/pibid/files/2014/08/Tecnologias-na-sala-de-aula1.pdf>

_____. **o que é Tecnologias de Informação TI** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_da_informa%C3%A7%C3%A3o Acesso em 10 de

março de 2018.

ROCHA, R. P. . **Quando Ninguém Educa: questionando Paulo Freire**. Editora Contexto, São Paulo: 2017. 160 p.

RODRIGUES, A.M.M. “**Por uma filosofia da tecnologia**”. In: GRISNPUN, M.P.S (Org.). Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Roberto Vieira Ramos, Márcio **O USO DE TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA**1 Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MARCIO%20RAMOS%20-%20ORIENT%20PROF%20ANGELA.pdf> Acesso em: 01 Abr 2018.

SEABRA, Carlos. **DESAFIOS PRÁTICOS DA GESTÃO DO USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**. © INOVEDUC 2018. FOLHA DIRIGIDA 23 DE ABRIL DE 2018. Disponível em: <http://inoveduc.com.br/artigos/desafios-praticos-gestao-uso-tecnologias-educacao/> Acesso em 23 Abr 2018.

Vania Seegger; Suzy Elisabeth Canes; Carlos Alberto Xavier Garcia. **ESTRATÉGIAS TECNOLÓGICAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/6196/3695> Acesso em: 10 mar 2018.

SILVA, Vandeí Pinto da. **Cotidiano e Filosofia no Ensino Médio: mediações**. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/1543/1337> Acesso em: 09 mar 2018.